



Dorothy vivia no meio das grandes pradarias do Kansas, com o tio Henry, que era lavrador, e a tia Em, que era a mulher do lavrador. A casa onde viviam era pequena, pois a madeira para a construir teve de ser transportada de muito longe, numa carroça. Tinha quatro paredes, soalho e telhado, formando uma única divisão; e essa divisão continha um fogão de cozinha ferrugento, um armário para os pratos, uma mesa, três ou quatro cadeiras e as camas. O tio Henry e a tia Em tinham uma grande cama a um canto, e Dorothy tinha uma cama pequena noutro canto. Não havia sótão nem cave — a não ser um pequeno buraco cavado no chão, a que chamavam a cave do ciclone, onde a família se poderia refugiar caso se levantasse um desses grandes remoinhos de vento, com

força suficiente para arrasar qualquer construção que encontrasse no caminho. Entrava-se para lá por um alçapão no centro do soalho, do qual descia uma escada que levava ao pequeno buraco escuro.

Quando Dorothy estava à porta de casa e olhava em volta, tudo o que avistava era a enorme pradaria cinzenta por todos os lados. Nem uma só árvore ou casa quebravam a vasta imensidão de território plano que se estendia até ao horizonte, em todas as direcções. O sol calcinara a terra lavrada, transformando-a numa massa cinzenta semeada de pequenas rachas. Até mesmo a erva não era verde, pois o sol queimara as pontas das longas folhas até ficarem da mesma cor cinzenta que se via por toda a parte. A casa, em tempos, tinha sido pintada, mas o sol fizera estalar a tinta e as chuvas tinham-na arrancado, e agora a casa era tão monótona e cinzenta como tudo o mais.

Quando a tia Em veio viver para ali, era uma esposa jovem e bonita. O sol e o vento tinham-na alterado, também. Tinham-lhe tirado o brilho dos olhos, deixando-os de um cinzento sombrio; tinham-lhe apagado o vermelho das faces e dos lábios, que agora também eram cinzentos. Era magra e franzina e nunca sorria, agora. Quando Dorothy, que era órfã, veio para junto dela, a tia Em assustava-se tanto com o riso da criança que gritava e levava a mão ao coração sempre que a voz alegre de Dorothy lhe chegava aos ouvidos; e ainda hoje olhava para a menina com espanto, por ela encontrar motivos para se rir.

O tio Henry nunca se ria. Trabalhava duramente de manhã à noite e não sabia o que era a alegria. Também ele era cinzento, desde as longas barbas até às botas grosseiras, e tinha um ar carrancudo e sério e raramente falava.

Era *Toto* que fazia Dorothy rir, e que evitava que ela se tornasse cinzenta como tudo o que a rodeava. *Toto* não era cinzento; era um cãozinho preto de pêlo comprido e sedoso, com uns olhos pretos pequeninos que cintilavam alegremente de cada lado do seu focinho pequeno e engraçado. *Toto* levava o dia a brincar, e Dorothy brincava com ele e amava-o muito.

Hoje, porém, não estavam a brincar. O tio Henry estava sentado no degrau da porta e olhava ansiosamente para o céu, que estava ainda mais cinzento do que o habitual. Dorothy, em pé junto à porta com *Toto* ao colo, também olhava para o céu. A tia Em estava a lavar a loiça.

Ao longe, do lado norte, ouviu-se um gemido abafado do vento, e o tio Henry e Dorothy viram como a erva alta se curvava em ondulações diante da tempestade que se aproximava. Nisto, o ar trouxe um assobio agudo do lado sul, e quando volveram os olhos para esse lado viram ondas na erva vindo dessa direcção também.

De repente, o tio Henry pôs-se em pé.

«Vem aí um ciclone, Em», gritou ele para a mulher; «vou tomar conta do gado.» E correu em direcção aos barracões onde se guardavam as vacas e os cavalos.

A tia Em largou o que estava a fazer e veio à porta. Um só olhar bastou para se aperceber do perigo iminente.

«Depressa, Dorothy!», gritou; «corre para a cave!»

Toto saltou dos braços de Dorothy e escondeu-se debaixo da cama, e ela correu para o ir buscar. A tia Em, muito assustada, abriu o alçapão no soalho e desceu a escada até ao pequeno buraco escuro. Dorothy conseguiu finalmente apanhar *Toto* e preparou-se para seguir a tia. Quando estava ainda a meio caminho ouviu-se um grande uivo do vento, e a casa abanou tanto que ela perdeu o equilíbrio e ficou de repente sentada no chão.

Então, aconteceu uma coisa muito estranha.

A casa andou à roda duas ou três vezes e elevou-se lentamente no ar. Dorothy sentiu-se como se estivesse a subir num balão.

Os ventos de norte e de sul encontraram-se no sítio em que estava a casa, e fizeram dela o centro exacto do ciclone. No centro de um ciclone, o ar geralmente está parado, mas a grande pressão do vento em todos os lados da casa foi-a elevando cada vez mais alto, até se encontrar mesmo no cimo do ciclone; e ali permaneceu e foi transportada ao longo de muitos quilómetros, tão facilmente como quem transporta uma pena.

Estava muito escuro e o vento uivava horrivelmente à sua volta, mas Dorothy apercebeu-se de que ia flutuando sem incidentes. Depois daquelas voltas iniciais, e de outra vez em que a casa se inclinou muito, ela sentia-se como se estivesse a ser suavemente embalada, como um bebé num berço.

Toto não estava a gostar. Corria pelo quarto, ora para aqui ora para ali, ladrando alto; mas Dorothy sentou-se no chão, calada e quieta, e ficou à espera de ver o que acontecia.

Uma vez, *Toto* aproximou-se muito do alçapão aberto e caiu; a primeira coisa que a menina pensou foi que o tinha perdido. Mas logo lhe viu uma orelha a espreitar pelo buraco, pois a forte pressão do ar empurrava-o para cima, impedindo-o de cair. Rastejou até ao buraco, agarrou-o pela orelha e puxou-o para dentro de casa outra vez, fechando a seguir o alçapão, para que não ocorressem mais acidentes.

As horas foram passando e, pouco a pouco, Dorothy venceu o medo; mas sentia-se muito só, e o vento guinchava com tal força em seu redor que quase ensurdeceu.

O Feiticeiro de Oz

17

A princípio perguntara-se se ficaria feita em pedaços quando a casa caísse ao solo; mas, à medida que as horas foram passando sem que nada de terrível acontecesse, deixou de se preocupar e resolveu esperar com calma, para ver o que lhe reservava o futuro. Por fim, deslizou pelo chão inclinado até à sua cama e deitou-se nela; *Toto* seguiu-a e deitou-se-lhe ao lado.

Apesar da inclinação da casa e da lamúria do vento, Dorothy em breve fechou os olhos e adormeceu profundamente.